



## O TRABALHO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EM RODA DE CONVERSA COM ADOLESCENTES

**Autor: Bruno Hytallo Castro Bezerra<sup>1</sup>**

**Discente – Centro Universitário Fametro**

**E-mail: bruno.bezerra@aluno.unifametro.edu.br.**

**Docente: Marcus Kléredis Monteiro Vieira<sup>2</sup>**

**Instituição: Centro Universitário Fametro**

Área Temática: Processo de Cuidar

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XXI Encontro de Pós-Graduação

**RESUMO:** A emergência do sofrimento psíquico na fase adolescente se dá, dentre tantos motivos, pelas colossais transformações vivenciadas neste período que vai da relação do adolescente com seu próprio corpo, perpassa seu reconhecimento como participante de um corpo que se torna social até o profundo pesar do luto do corpo infantil. Tendo em vista o modo com o que o adolescente encara o sofrimento, apresentamos aqui algumas facetas presenciadas através de rodas de conversas realizadas com adolescentes de uma escola pública do ensino médio. **Objetivo geral:** Compreender os desdobramentos psíquicos em adolescentes do trabalho de roda de conversa sobre a temática concernente ao suicídio. Revelar o trabalho do psicólogo dentro do contexto escolar. **Objetivo específico:** Conceituar o dispositivo técnico da roda de conversa; refletir sobre a adolescência na contemporaneidade e compreender os alcances do trabalho psicológico na escola quanto à prevenção do suicídio. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica exploratória em artigos científicos e livros dentro das produções no âmbito da psicologia escolar concernentes à adolescência, depressão, rodas de conversa e suas respectivas conceituações. **Discussão:** A prática psicológica se depara frente à várias questões que convergem entre a teoria e a prática, não obstante, numa tênue fronteira entre o lidar com o sofrimento e a constante oscilação psíquica de cada indivíduo com seus próprios ciclos e propriedades subjetivas dentro de suas experiências. **Considerações Finais:** É reconhecida a necessidade de ajuda e auxílio genuíno aplicado e direcionado à adolescência, deve ser reconhecido também a escassez de conteúdo teórico a ser estudado e aprofundado por parte dos estudantes do curso de psicologia – na graduação, geralmente superficial na formação prática – que carece de abrangência no aprofundamento teórico direcionada a esta específica e delicada fase da vida, além de buscas pelas fundamentações práticas de cada psicologia.

**Palavras chave:** *sofrimento psíquico, depressão, ideação, adolescência.*

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Fametro, Ceará/Brasil

<sup>2</sup> Mestre pela Universidade Federal do Ceará, Ceará/Brasil – Docente de psicologia pelo Centro Universitário Fametro

## **INTRODUÇÃO:**

Apesar da necessidade de se fazer e produzir cultura dentro de uma escola de ensino médio da rede pública, a crescente possibilidade de fala dada aos adolescentes nas rodas de conversas faz emergir os múltiplos sofrimentos silenciados em diversas fases das vidas destes. Sofrimentos relativos à sexualidade, à identidade de gênero, às relações familiares, ao declínio do apreço pelo próprio corpo e, principalmente, a estima sobre si mesmo, que, em acúmulo, resulta numa das consequências possíveis: a ideação ao suicídio e da fantasia de cessão de sofrimento acumulado num período contemporâneo.

O presente trabalho visa expor a emergência de sofrimento dentro do contexto escolar de adolescentes que demandam atenção especializada concernentes à ideação suicida e as negligências em torno desse assunto com a perspectiva psicanalítica. A experiência aqui analisada diz respeito ao tema *suicídio* vivida ao longo do mês de setembro que foi proporcionado através de um projeto social dentro de uma escola de ensino médio da rede pública, que, aparecer durante uma roda de conversa, constatou-se a emergência do sofrimento psíquico dos adolescentes em torno de aspectos corporais, das relações e de traumas sofridos que os partícipes relataram. O trabalho do psicólogo escolar sendo coletivo com a família, a escola e com os alunos nunca será perfeitamente realizado, e isso não diz respeito à alguma carência teórica que o profissional possa vir a exercer na sua prática, mas pelo trabalho ser de alta complexidade e amplitude.

## **REFERENCIAL TEÓRICO:**

Segundo Figueirêdo & Queiroz (2012), as rodas de diálogo priorizam as discussões em torno de uma temática, seja ela qual for, com sua maior ou menor densidade e amplitude de acordo com a demanda solicitada entre os partícipes. Durante o diálogo, as pessoas podem apresentar sua elaboração, apesar de contraditória, fazendo com que os integrantes sejam instigados a falar e também a ouvir, participando eventualmente da roda. Ouvir a outra posição, relatos e experiências de outros integrantes como pessoas validam e enfatizam a importância dessa metodologia, então, com os relatos e histórias, os partícipes tendem a compreendê-los pensando em conjunto tornando possível a interação entre estes mais fluida e aplicadamente dinâmica.

A adolescência pode ser definida de modo geral como uma fase de mudanças fisiológicas e anatômicas constantes. O corpo, principalmente, é onde reside os efeitos visíveis que podem ser observados: a voz, surgimento de pelos, crescimento nas regiões erógenas,

dentre outras mudanças. A Organização Mundial de Saúde (WHO, 1986) define a **adolescência** como o período entre 10 e 19 anos, uma fase do desenvolvimento caracterizada por uma série de mudanças, físicas, mentais e sociais que culminarão com as características próprias da fase adulta. Neste contexto, a adolescência remete uma reconfiguração no sujeito em todos os aspectos de sua completude, fazendo-o se redimensionar a partir dos critérios sociais impostos ao jovem, mas ao mesmo tempo calando e podando suas atitudes para com essas mudanças que acontecem dentro de si mesmo, sejam elas psíquicas, físicas, sexuais ou culturais.

Podemos ver hoje em dia, a depressão em adolescentes é dada como normal, acabadiça e frequentemente vista que envolve um alto nível de abatimento e letalidade, no qual representa um alto risco à saúde pública, além de uma seriedade que, juntamente com outros fatores, agravam outros aspectos que acabam culminando num estado de grave sofrimento psíquico. É bastante recente a pesquisa clínica e científica pela depressão na complexidade da fase adolescente, no que se acarreta numa visibilidade superficial por meio da sociedade que monta um discurso desvalidando a juventude que perpassa essa fase, que por si só já é complicada. A emergência do sofrimento psíquico na fase adolescente se dá, dentre outros tantos motivos, pelas transformações experienciadas neste período que pode partir da relação do adolescente com seu próprio corpo e do reconhecimento deste como participante de um corpo socialmente construído até à sua própria reconfiguração psíquica.

Com a depressão, pode-se contemporaneamente observar que há sempre uma atitude de impedimento a respeito do sofrimento. Há em torno deste amplo assunto que é a depressão um silenciamento do sofrer, uma castração das atribuições simbólicas que compõem essa fase. Existe também uma desvalia desse jovem enquanto ser humano, que a partir desse silenciamento constante de suas aflições visa terminar precocemente este amplo sofrer. Uma das alternativas possíveis que o adolescente pode encontrar frente a esse sofrer silenciado e reprimido é a ideia suicida, no qual este formula uma cessão precoce da sua existência por associá-la ao sofrimento adquirido por meio das imposições sociais, familiares e pessoais do indivíduo sobre si mesmo (AMARAL, et al., 2020)

Segundo Fédida (2000), há uma revelação do aspecto de adulteração da depressão, como não sendo uma estrutura propriamente psíquica do sujeito, mas sim por se tratar de um estado próprio à constituição do aparelho psíquico, possibilitando declarar que tal quadro caracteriza o humano. A puberdade traz diversas modificações quanto à visão de mundo e sobre si colocando o jovem adolescentes frente a um contexto que não há um reconhecimento sucinto,

mas sim disperso sobre si mesmo, fazendo surgir um desligamento psíquico com o próprio corpo que até pouco tempo atrás, na sua própria temporalidade, era e se encontrava infantil. Entretanto, esse desligamento psíquico também se acumula com outras formas de desativação, como por exemplo o da superpotência parental, desvelando uma omissão Materna e também um conflito com a autoridade superegoica que é o Pai. Essa ruptura no autoritarismo da configuração familiar do adolescente resguarda uma desorganização psíquica frente a idealizada imagem produzida na infância a respeito da parentalidade.

Ao mesmo tempo em que estas fantasias claramente incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento progressivo dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha (Freud, 1905/1972, p. 234).

Ainda pode ser visto obstáculos em vários aspectos das vidas dos adolescentes, como por exemplo: problemas familiares, relações afetivas, abusos sofridos e que estes foram reprimidos da fala e que, pela fase em que vivem, naturalmente tendem a ser reprimidos e circularem entre, o que Freud (1914) postula, *repetir* e *relembrar* os seus sofrimentos vivenciados dentro das suas próprias temporalidades, mas que não *elaboram* um novo sentido pela falta de auxílio e validação, além de justamente serem silenciados constantemente a respeito de seus próprios pesares.

#### **MÉTODO:**

Foi elaborada uma busca em referencial bibliográfico concernente à adolescência, cuja definição é multifacetada, mas aplicada ao intuito e sentido do artigo aqui apresentado. Buscou-se também revisar conceituações a respeito dos termos: suicídio, depressão, rodas de conversa, etc. para um melhor entendimento dos fenômenos aqui apresentados.

De acordo com Guzzon (2008), a presença psicológica dentro de uma instituição de ensino possibilita acompanhar o desenvolver infantojuvenil no cotidiano, buscando sempre comparar os fatores das mais variadas circunstâncias que permeiam o adolescente – seja ela a família, a escola ou seu ciclo social – que tragam benefícios e que também possam trazer adversidades no decorrer da prática. A escola se encontra num lugar onde a emocionalidade que transita, espontaneamente, pelas problemáticas entre *ensino-aprendizagem*. Então, se torna excepcionalmente necessária a constante reinvenção da transformação da funcionalidade da escola diante as variadas demandas da prática psicológica, sempre levando em consideração a alta variabilidade subjetiva dos alunos, novas formas de ensinar e de se aprender e a influência

tecnológica que nos encontramos atualmente visando a produção de uma sociedade vinculada com as novas mudanças.

Segundo Gil, A Pesquisa Bibliográfica Exploratória tem como objetivo promover uma maior familiaridade com determinado problema, pretendendo tomá-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Em outras palavras, dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (SELLTIZ et al., 1967, p.63).

Segundo Severino (2017), uma pesquisa pode ser exploratória, descritiva ou explicativa. A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. A pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

### **DISCUSSÃO:**

As experiências traumáticas vivenciadas na adolescência ainda se estendem aos dias atuais como se fossem experienciadas e recicladas constantemente e que se perpetuam diariamente através do que se construiu de relação entre os familiares e amigos, que há algum tempo não tão distante da nossa realidade – mas que convivemos com as consequências atualmente – que foi a Pandemia por COVID-19. Esta que se abraça no esquecimento social devida à constante aceleração de vivências na hipermodernidade e de constante atualização e reconfiguração social.

Os traumas vividos por um conjunto de fatores na fase adolescente distorcem sua visão a respeito do mundo no qual está inserido e sobre si mesmo tendo sempre uma perspectiva vitimizada e se tornando passageiro de suas próprias experiências vividas e que os adultos de certa forma são os promotores – em grande parte dos casos – desses sofrimentos adquiridos nesta fase. Algumas vivências traumáticas tal como abusos sexuais, morais e físicos sofridos na infância remetem o adolescente a deprimir a sua imagem tendo comumente uma deturpada gama de “possibilidades” para sanar ou resolver esta demanda interna. É comum, quando se

está inserido dentro do contexto jovial, que eles romantizam métodos de solução que são agressivos e violentos para com eles.

Na graduação, que se faz generalizada, não prepara o estudante para que, ao se deparar com o sofrimento seja ele em qualquer etapa da vida, amenize consequências nocivas ao sujeito, acolha seu sofrimento e além disso, não prepara para a alta complexidade da prática, que com as constantes mudanças sociais, e principalmente que o adolescente é parcialmente produtor dessas mudanças, deve se reinventar para de certo modo ‘acompanhar’ essas mudanças fundamentando sua teoria e prática regularmente.

Então, o fazer psicológico se depara frente à várias questões que fazem a necessidade de convergência entre a teoria e a prática, dentre elas, uma tênue fronteira entre o sofrimento e a oscilação psíquica de cada indivíduo com seus próprios ciclos e propriedades subjetivas e fantasias dentro de suas experiências. Foi experienciado aqui que, ao exercer o apoio, suporte e a oportunidade de fala aos adolescentes de uma escola de ensino médio, emergiu-se o sofrimento psíquico relativo às experiências traumáticas vivenciadas na infância e adolescência. Na vivência das rodas de conversa, pôde-se observar o vazio do sofrimento de perto. O psicólogo deve se sustentar uma base teórica muito firme, independentemente de sua psicologia para não cair no limbo do senso comum e da prática faltosa.

Pôde-se perceber também – numa perspectiva longitudinal na qual a teoria não abrange suficientemente as demandas e não engloba o fazer psicológico por inteiro, mesmo que o conhecimento teórico seja extenso e ocupe grande espaço neste fazer – que nem toda a teoria é o bastante para suportar a realidade da práxis psicológica, somente esta última tem a imprevisibilidade e a possibilidade de reinvenção do profissional de psicologia para lidar adequadamente a partir dessa constante reinvenção.

### **CONCLUSÃO:**

Dentro desse contexto, é notória a necessidade de suporte e colaboração genuína, aplicada e direcionada à adolescência como importante fase de formação e desenvolvimento do indivíduo. Deve ser reconhecido também a escassez de conteúdo teórico a ser estudado e aprofundado por parte dos estudantes do curso de psicologia que se encontra em um dilema: de um lado, há falta conteúdo aplicado e aprofundado relacionado à prática psicológica para adolescentes, de outro, a teoria não permite a reinvenção tanto quanto a própria prática.

Os conteúdos disponíveis e que baseiam, fundamentam e se aprofundam nesta temática direcionada e aplicada à adolescência é majoritariamente dominado pela obra de Maria Helena Souza Patto – *A produção do fracasso escolar* (1990) que, ao meu ver, encontra-se teoricamente



saturada – não de uma maneira negativa ao ponto de invalidar tal obra, mas que ela é frequentemente utilizada para toda a demanda escolar –.

Várias áreas da saúde e educação usaram e ainda utilizam como base teórica para produção de artigos, mas que carece de uma atualização – ou nova produção – para a fase vazia da hipermodernidade acelerada na qual nos encontramos, com desafios que são mencionados no livro ainda muito presentes, mas com novos desafios que sequer teriam como serem mencionados devida a brecha da tecnologia da época em que foi formulada.

Sendo assim, a constante reinvenção do profissional de psicologia a respeito de sua prática e enquanto função molda a forma como a comunidade acadêmica enxerga a depressão, a adolescência, a ideação suicida, etc. E que essa constante reinvenção deve ser visando a promoção de saúde, auxílio psicológico, encaminhamento e direcionamento para as redes de apoio responsáveis

## REFERÊNCIAS:

Amaral, A. P., Sampaio, J. U., Matos, F. R. N., Pocinho, M. T. S., de Mesquita, R. F., & Sousa, L. R. M. (2020). Depressão e ideação suicida na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção. *Enfermería Global*, 19(3), 1-35.

Berlinck, M. T., & Fédida, P. (2000). A clínica da depressão: questões atuais. *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 3, 9-25.

DE FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira; DE QUEIROZ, Tacinara Nogueira. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. 2012.

FREUD, Sigmund. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O Homem dos Ratos]: Seguido das anotações originais sobre o caso.** L&PM Editores, 2021.

MAGDALENO JÚNIOR, Ronis. A dialética de Eros e o mal-estar na cultura hoje. *Ide*, v. 31, n. 46, p. 46-51, 2008.

MONTEIRO, Kátia Cristine Cavalcante; LAGE, Ana Maria Vieira. A depressão na adolescência. *Psicologia em estudo*, v. 12, p. 257-265, 2007.

**Obras completas - Introdução ao narcisismo**, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Intermeios. Acesso em: 08 out. 2022., 2015.

TRES, Jenaína; SCHORN, Solange Castro. RODAS DE CONVERSA COM ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO: CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS NA ESCOLA. **Salão do Conhecimento**, 2019.

WHO, World Health Organization. Young People's Health – a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.